

À Mesa com o Valor

Antonio Sérgio Petrilli

Como o médico idealizou o Graacc, que agora planeja investir R\$ 300 milhões para aumentar capacidade de atendimento a jovens com câncer. Por **Marília de Camargo Cesar**, para o Valor, de São Paulo

Especialista em renascimentos

Quando era estudante de medicina, Antonio Sérgio Petrilli participava de um projeto social no interior do Acre e foi chamado para acudir uma mulher em trabalho de parto. “Fui lá ver, e o nenê não estava respirando. Eu pensei: caramba, e agora? Não tem respirador, não tem aspirador, nem oxigênio. Não tem nada aqui.” Lembrou-se, então, de um trecho do livro “A cidadela”, do médico escocês Archibald Joseph Cronin (1896-1981). No romance, um médico idealista, no início do século XX, vai trabalhar em um vilarejo de mineiros de carvão, no Sul do País de Gales. Ali, ele resolve o mesmo desafio de ressuscitar um bebê mergulhando-o em água fria. “Fiz a mesma coisa, pedi uma bacia com água fria para as mulheres da aldeia, mergulhei o bebê e o choque térmico o trouxe de volta.”

Como prova de gratidão, o pai da criança lhe deu de presente um macaquinho-prego também recém-nascido, que Petrilli batizou de Raimundo Nonato. O nome, conforme aprendeu na ocasião, refere-se ao santo protetor contra partos difíceis.

A cena, de certa forma, simboliza as muitas experiências de “renascimento” que ele viveria depois. A maioria delas ocorridas depois de fundar o Grupo de Apoio a Adolescentes e Crianças com Câncer (Graacc), em 1991. Ali, ele introduziu técnicas e protocolos inovadores, formou equipes e construiu uma rede de doadores que transformaram a organização em um dos principais centros de cura de

câncer infantojuvenil de alta complexidade da América Latina.

A mesa do Dalva e Dito, nos Jardins, em São Paulo, Petrilli já chega sabendo o que quer comer: a bem-servida feijoada, clássico das quartas-feiras do restaurante de Alex Atala.

Com um visual esportivo, jaqueta preta acolchoada e tênis, o médico não aparenta ter quase 80 anos, dos quais mais de 50 dedicados à pesquisa em oncologia pediátrica. Há 4 anos, desde que deixou a superintendência do Hospital do Graacc por escolha própria, mantém uma rotina mais leve: pratica beach tênis, caminha e faz pilates. Durante a tarde, atende em seu consultório, na avenida Faria Lima. “Agora estou cuidando mais de mim.”

Petrilli narra com naturalidade e modestia uma trajetória que mudou o destino de milhares de famílias. Quando o Graacc foi criado, a realidade era outra. “Morria todo mundo.”

Hoje, os índices de remissão nos casos tratados pela instituição chegam a 80%, comparado à média de 85% nos países avançados. A taxa de sobrevivência, indicador que mostra quantas crianças estavam vivas cinco anos após o final do tratamento, foi de 80% entre 2011-2020, um aumento de 8% em relação à década anterior (2001-2010).

Ao longo deste “À Mesa com o Valor”, ele revisita as decisões que tomou e as muitas pessoas que o acompanharam, como o engenheiro civil Jacinto Guidolin, cofundador e primeiro presidente da organização, que a comandou de 1991 a 2001; Lea Della Casa Mingione, cofundadora e referência no campo do



Cardápio		
Dalva e Dito, São Paulo		
Água San. Pellegrino	1	32
Água Açúcar Parma	1	32
Peixe do dia grelhado	1	109
Bife à milanesa com salada de batata	1	107
Feijoadinha Dalva	3	327
Dalvinha	1	36
Coca-Cola Zero	1	14
Café	3	27
Café coado	2	32
Esponja de manga	1	45
Cocada mole	1	41
Sorjeta	-	104,26
Total	-	906,26

“O câncer das crianças era tratado como o dos adultos, pelos mesmos médicos, não havia nenhuma diferença de protocolo”

Antonio Sérgio Petrilli

Inconscientemente, admite que quis ser médico para suplantir uma frustração de seu pai, um cirurgião vascular que, por necessidade, precisava dividir o tempo entre os hospitais Matarazzo e São Camilo e uma empresa de colocação de pedras ornamentais.

“Ele tocava esse comércio de manhã, de tarde trabalhava no hospital e, no fim da tarde, ia para o consultório”, recorda o médico. “Embora talentoso, segundo ouvia de seus colegas, não podia se dedicar totalmente ao ofício.”

A mãe também estudou medicina, no entanto abriu mão da profissão para cuidar dos filhos, seis no total, sendo Antonio Sérgio o mais velho.

Além de realizar aquilo que os pais não puderam, ele buscava corresponder às altas expectativas do avô, um imigrante húngaro que o acompanhava de perto, cobrava disciplina nos estudos e, nas palavras do médico, “comprava minhas boas notas”, recompensando-as com dinheiro ou presentes.

“O que eu mais queria era não dar nenhum desgosto para eles. Não decepcionar uma família marcada pelo trabalho, pelo esforço e que tinha enfrentado tantas dificuldades.”

A experiência no Acre aconteceu durante a faculdade de medicina na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), nos anos 1960, quando Petrilli passou 45 dias nos municípios de Sena Madureira, Tarauacá e Feijó como participante do Projeto Rondon. Criado em 1967, durante o regime militar, o programa levava estudantes universitários voluntários a comunidades isoladas e carentes do país em ações assistenciais organizadas pelo governo. “Aprendi muito, muito, lá. E a gente ajudou algumas pessoas também”, conta.

Foi dessa viagem que ele trouxe Raimundo Nonato, o macaco-prego presenteado pelo pai do recém-nascido que ajudara a salvar. O animal morou vários meses em sua casa, em São Paulo, até que Petrilli começou a dar plantões em Serra Negra. A cidade tinha uma atração conhecida como Parque dos Macaquinhos, e ele decidiu levá-lo para lá. “Minha mãe já estava cansada, porque ele brigava com o cachorrinho que tínhamos em casa. Quando vi uma macaca bonita no parque, pensei: Raimundo vai gostar de morar aqui.”

Jogando na seleção de futebol da Unicamp como volante, sofreu uma contusão no braço, que deu fim à sua aspiração de se tornar cirurgião vascular, como o pai. Foi também em Campinas que teve o primeiro contato com a militância de esquerda e aprendeu a diferenciá-la das manifestações que tinham por objetivo “o bem do Brasil”, como diz, daquelas movidas por pressões político-partidárias.

“Fui da terceira turma da Unicamp e muito ativo como secretário do centro acadêmico”, recorda. “A gente vinha para São Paulo para aprender a fazer passeata com os alunos da USP, porque, em Campinas, na época, os alunos protestavam com uma moçada na boca, mas com a polícia indo à frente. Era uma espécie de manifestação organizada. Não era o que queríamos fazer.”

Nesse sentido, ele concorda, a passeata da USP era mais raiz.

“A gente não tinha muita malícia. Mas queríamos descobrir como fazer do Brasil um país melhor.”

Segundo o médico, a força para enfrentar essas batalhas também tinha origem em outra fonte de sofrimento: “A luta eu aprendi também por ser corintiano”.

A residência em pediatria foi no Hospital do Servidor Público Estadual, onde conheceu seu primeiro mentor: o pediatra Alois Bianchi (1931-2020). Ele também trabalhava no A.C. Camargo e é considerado o pioneiro em oncologia pediátrica no Brasil.



Antonio Sérgio Petrilli diz que sua força para enfrentar as batalhas na medicina também tinha origem em outra fonte de sofrimento: ser corintiano



Cerimônia da pedra fundamental do primeiro Hospital do Graacc, em 1995

“Em 1974, ele me convidou para trabalhar no A.C. Camargo, mas disse que não tinha nada para me oferecer.” Não havia recursos financeiros, nem espaço físico para esse tipo de atendimento. “O câncer das crianças era tratado como o dos adultos, pelos mesmos médicos, não havia nenhuma diferença de protocolo. No ambulatório, as mães não podiam ficar junto dos filhos, era meio cruel.”

Segundo Petrilli, osteossarcomas, um tipo de câncer ósseo, eram tratados com amputação de pernas ou braços. “Seis meses depois, o paciente voltava já com metástase, sem nenhuma chance.”

Nesse ambiente precário, o médico desenvolveu, segundo relata, um sentimento de profunda indignação. “Eu sabia que o que a gente estava dando para aquela criança não era o suficiente.” Ele via as crianças morrendo e se perguntava: “Como posso pôr a cabeça no travesseiro e dormir à noite?”

As limitações no trabalho o levaram a buscar formação fora do país. Já casado e pai de um casal de filhos pequenos, Petrilli vendeu seu Maverick branco e a Brasília da esposa para passar um ano como fellow no Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, em Nova York, referência mundial em oncologia.

Ali, teve na pediatra Norma Wollner Sternberg (1929-2017), uma grande incentivadora. Durante o período em que viveu nos Estados Unidos, também trabalhou ao lado do oncoologista pediátrico Norman Jaffe (1933-2022), do MD Anderson Cancer Center, em Houston, no Texas, médico sul-africano no pioneiro no tratamento de osteossarcoma com quimioterapia.



Na inauguração da expansão do Hospital do Graacc, em 2013

voluntariado; Sérgio Amoroso, que presidiu o conselho de administração por 30 anos; e Tammy Allersdorfer, responsável pela área de captação.

O Graacc foi a primeira organização do país em oncologia infantojuvenil a ser credenciada pela Joint Commission International, conceituada certificadora global de serviços de saúde. O hospital também figura entre os nove centros pediátricos brasileiros no ranking World's Best Specialized Hospitals 2025, da revista Newsweek.

O garçom toma os pedidos enquanto Petrilli vai recordando. Ele menciona, por exemplo, a grande questão filosófica que o interpelou quando começou a trabalhar no A.C. Camargo, nos anos 1970. “Essas crianças morrem porque são brasileiras e não têm acesso aos remédios e tratamentos adequados ou porque ainda não existem, no mundo, tratamentos adequados?”

Em 2026, quando a organização completa 35 anos, ele afirma com convicção: “As crianças que morrem em nossas mãos morreriam se estivessem nos Estados Unidos ou na Europa. E não por serem brasileiras”.

No Brasil, segundo o Instituto Nacional de Câncer, 12 mil novos casos de câncer infantil são registrados ao ano. Os tipos mais comuns são leucemias, linfomas, retinoblastomas, tumores cerebrais e renais. O Hospital do Graacc, em São Paulo, fundado em 1998 e ampliado em 2011, atende a cerca de 4 mil pacientes por ano, dos quais 400 são novos casos.

Ele se destaca por oferecer serviços com tecnologia de ponta, como neu-

rocirurgias menos invasivas; quimioterapia intra-arterial para tratamento de retinoblastoma, que preserva o globo ocular do paciente; um laboratório de genética, que complementa diagnósticos; e o centro de transplante de medula óssea, apoiado por uma unidade de criopreservação, que congela material genético e armazena células-tronco do sangue.

Em 2025, o Graacc realizou cerca de 22 mil consultas médicas; 10 mil consultas multiprofissionais; 3,8 mil cirurgias; 11 mil aplicações de quimioterapia; 2,5 mil sessões de radioterapia e 74 transplantes de medula óssea. Desde a fundação, já ultrapassou a marca de 1.400 transplantes.

A operação exige uma engrenagem financeira robusta. Cerca de 80% dos pacientes vêm pelo SUS e 20% por convênios, e são as doações que equilibram a conta, cobrindo o que o sistema público não cobre. Neste ano, devem chegar a R\$ 150 milhões, dentro de um orçamento previsto de R\$ 270 milhões. Metade desse valor vem de pessoas físicas, com contribuição média de R\$ 50 mensais; a outra metade, de centenas de empresas de todos os tamanhos que mantêm aportes regulares à organização.

O Graacc planeja investir R\$ 300 milhões na construção de uma nova torre, que irá dobrar a capacidade de atendimento dos atuais 100 para 200 leitos.

A feijoada já foi servida há algum tempo, mas Petrilli ainda não parou para apreciá-la. Há muito o que contar. Sua sensibilidade à dor alheia estava presente já na escolha da profissão.



Petrilli com Jacinto Guidolin e Lea Mingione, cofundadores do Graacc

Em 1988, um programa organizado pela Sociedade Americana de Pediatria e a Sociedade Americana de Oncologia para médicos latino-americanos completou sua formação. Com apoio do St. Jude Children's Research Hospital, de Memphis, Tennessee, Petrilli visitou, em um mês, 17 centros de tratamento oncológico em 17 estados americanos.

O que mais o impressionou não foi apenas a medicina, mas a engenharia por trás dela: a forma como as comunidades haviam se organizado para construir aquelas estruturas, e como o St. Jude era sustentado pela American Lebanese Syrian Associated Charities (Alsac), uma organização não governamental que captava recursos em todo o país para financiar o hospital.

Ele conta que foi convidado a terminar no Sloan-Kettering ao terminar o fellow, mas preferiu voltar ao Brasil. “Cheguei a ter vontade de ficar. Talvez lá eu me tornasse um ‘rabo de tubarão’. E aqui eu seria uma cabeça de sardinha. Mas sempre pensei que é melhor ser cabeça de sardinha do que rabo de tubarão.”

De volta ao país, passou a adaptar, aos poucos, no A.C. Camargo, as técnicas que havia aprendido, enquanto fazia mestrado e doutorado na Universidade Federal de São Paulo, a Unifesp. Pouco tempo depois, assumiu a chefia do setor de Oncologia Pediátrica do Departamento de Pediatria da instituição.

Anos mais tarde, a Unifesp se tornaria a primeira técnica-científica do Graacc, possibilitando, além dos diagnósticos e tratamentos, a pesquisa e o treinamento de profissionais.

Para criar o Graacc, Petrilli teve de aprender quase tudo do zero: estruturar protocolos, formar equipes e, principalmente, mobilizar voluntários e capter recursos. Foi um padre, segundo ele, quem resumiu para ele a lógica por trás de uma estrutura filantrópica bem-feita. “Ele me disse que a filantropia se baseia em três ‘dês’: os ‘door openers’, pessoas que abrem portas; os ‘donors’, os doadores; e os ‘doers’, que põem a mão na massa.” Para fundar e construir a reputação que o Graacc tem hoje, Petrilli foi um dos grandes responsáveis por formar uma rede de solidariedade fundamentada

nessas três forças. “O padre me disse: precisa escolher a porta certa e bater até ela abrir. Não pode desistir.”

O modelo desenvolvido pela organização, que Petrilli chama de “parceria público-privada”, ganhou escala e inspirou outras instituições de impacto social. Segundo o médico, esse feito deve sempre ser lembrado porque não é algo assim tão simples acertar a mão quando se trabalha com três públicos tão diferentes. “O setor público, em geral, é corporativista; alguns empresários querem fazer prevalecer sua opinião; e os voluntários, muitas vezes, podem ser melindrosos.”

Tudo o esforço empenhado no Graacc, segundo o médico, contou com o envolvimento de milhares de pessoas, centenas de voluntários dedicados e empresas generosas. Mas ele também acredita que foi alvo de algum tipo de “bênção”, especial, por parte de “um ser superior”, que ele não sabe nomear. “Na época, eu tratava como sorte. Mas hoje acredito que existe, sim, essa força, que alguns chamam de Deus.”

Quando ele consegue fazer uma pausa para finalmente comer a bendita feijoada, aproveito para fazer a pergunta que mais me interessava desde o começo da conversa. Depois de tantos anos convivendo com esses dramas e presenciando a morte de centenas de crianças, o que mudou internamente? Chega o momento em que você não se abala mais? E passa a vocalizar o que vê?

“A gente luta durante anos junto com a criança, ao lado da família, até ela abrir. Não pode desistir.”

Quando o paciente morre, é muito triste. A gente continua sentindo. Mas não se pode morrer junto com ele, porque no instante seguinte já tem outro doente para cuidar. E você não pode passar esse desânimo para ele. Precisa manter o controle, mas também a empatia”, diz ele.

Petrilli se lembra de um adolescente que ele tratou durante muitos anos de osteossarcoma, e que acabou falecendo. Decidiu ir ao enterro, coisa que nunca costumava fazer. Ao chegar ali, estava tão triste que quis ir embora. Mas o pai do garoto o chamou e, publicamente, agradeceu seu empenho no cuidado com o filho. “Em vez de levar consolo, eu que fui consolado.” ■